

# ELO

# dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade — Redacção — Direcção — ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

Impr. — TIPOGRAFIA ESCOLA DA A. D. F. A.

Palácio da Independência Largo de S. Domingos Telef. 36 21 67 - LISBOA

Rua Artilharia um-Anexo H. M. P. - Telef. 65 35 93 - LISBOA

## NOTA de ABERTURA

### EDITORIAL

Foi um Povo inteiro que sofreu, que foi martirizado por décadas de fascismo e por treze anos de estúpidas guerras coloniais.

Sofreu um Povo inteiro quando alguns lucravam com esse sofrimento. Os que lucravam não merecem a designação de Povo: São os carrascos desse mesmo Povo. São os filhos e netos de carrascos de outrora que também martirizaram os filhos do Povo de outrora.

Este foi mais um abuso que se insere numa tradição histórica. Este grito de denúncia será o primeiro que se faz ouvir e oxalá não seja necessário repetir-se.

Os grandes senhores de outrora colheram louros, benesses e riquezas à custa do sangue e das vidas dos filhos do Povo que a seu mando lutavam e morriam. Se não existisse o 25 de Abril, as gloriosas campanhas de África, campo de heróicos feitos e enaltecimento da raça, passariam à história em dou-rallas letras, os lucros das mesmas seriam esbanjados em luxos e festas e os sofrimentos e martírios dum Povo inteiro seriam esquecidos e as suas feridas não seriam saradas. O 25 de Abril, um marco diferente e único na história de Portugal, dá também a oportunidade única à massa, que era utilizada, de levantar a voz e dizer de sua justiça.

Por esse Portugal fora são muitos os milhares de famílias que viram sair de casa os seus filhos, fortes e rebustos, para o verem entrar deficientes ou nunca mais os verem. A alegria de uns, de verem chegar sãos e salvos os seus filhos, era apagada pela tristeza de outros que não viam regressar os seus. Assim, o enlutamento era geral. Mas essas mágoas abafavam-se no silêncio arquitetado e imposto: Os mortos eram transportados em barcos de modo camuflados como se de mercadoria se tratasse e os funerais partiam do Hospital Militar no deserto da madrugada. Os gritos lancinantes de «Al meu querido filho» rasgavam a madrugada e iam acoliar de algum pesadelo os que não morreram, mas na opinião dos governantes eram «peso morto».

A disciplina dos hospitais assemelhava-se à de recruta. As justas reclamações respondiam vozes autoritárias - cale-se, você, porque teve um acidente, está cheio de complexos e eu é que tenho de o aturar». Na junta final o Director do Hospital Militar era um burocrata de carimbo na mão: «Peso morto, inválido, peso morto, inválido...». Em enorme bicha os «invalidos» iam passando. Eram muitos. Eram demais. Havia que esconder o seu número. Mais, havia que reduzir esse número. Então o Director do Hospital Militar continuava a carimbar - «invalído, inapto para o serviço militar sem pensão, inválido, peso morto...».

«O Exército era uma terrível máquina de inutilizar homens». Inutilizava-os e remetia-os à procedência. As famílias recebiam-nos, liara o carimbo e resignavam-se perante a vontade de Deus...

A guerra continuava. Mais mortos, «mais inválidos». O número crescia. O Povo Português ia mostrando a sua terrível capacidade de resignação.

A maioria dos deficientes eram soldados. Mesmo sem pernas punham-se em sentido perante os grandes senhores que atropelavam os reduzidos direitos que tinham. As leis eram dúbias e a sua interpretação resultava, por regra, em prejuízo dos deficientes. Só se fosse alguma cunha...

Então o pai lá na terra falava com o Senhor Dr. e o Senhor Dr. falava com...

Ficava-se na promessa. Concluía-se sempre: eles não se interessam, porque isto não acontece aos filhos deles—quando os oficiais, que agora são Capitães, ocuparem lugares de decisão nas Forças Armadas, eles que têm conhecimento directo dos nossos problemas, então... Faziam-se as contas. Mas quando?...

O 25 de Abril venceu a barreira do tempo.

A cega confiança nos governantes, que tudo podem e tudo farão, fazia parte dos cegos conceitos das pessoas embrutecidas num sistema totalitário e rígido.

Com a maleabilidade do 25 de Abril e as liberdades daí resultantes as pessoas, inauguraram nova maneira de pensar: responsabilizaram-se a si próprias, tornaram-se activas e adquiriram o direito de participação. Dentro deste contexto, os Deficientes das Forças Armadas, constituídos em Associação, participam na resolução dos problemas resultantes das injustas guerras coloniais, participando também na revolução em curso.

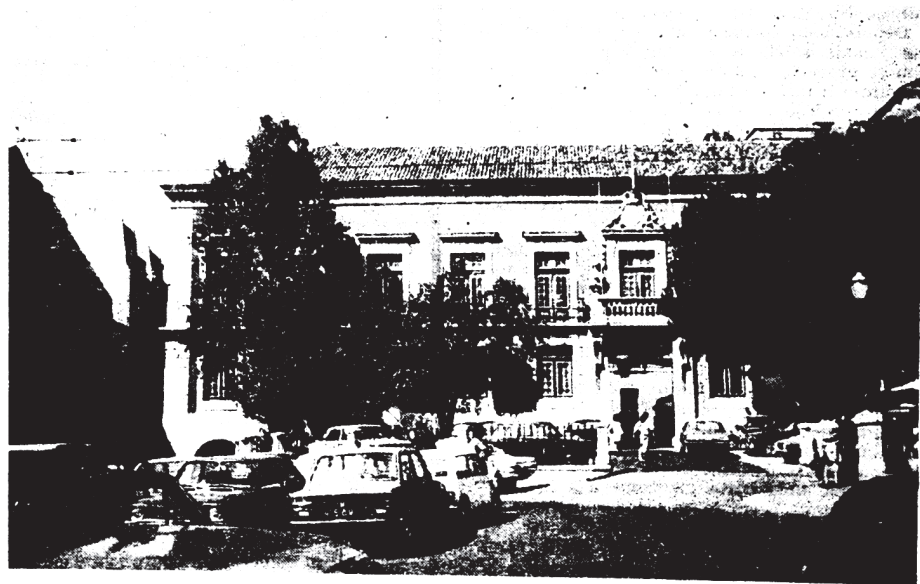
O jornal dos Deficientes das Forças Armadas exprimir-se-á, por norma e por imperativo, na linguagem simples, mesmo rude, mas clara, que os deficientes, na sua quase totalidade soldados, sabem utilizar e entendem.

Escrito por nós e para nós, poderá ser lido, e assim compreendido, pelas nossas famílias, como nós simples e mergulhados nos nossos problemas, assim como por todo o povo que sofreu com as guerras coloniais e entende também a nossa linguagem.

Se existir alguma filosofia nos nossos artigos, ela não será fruto duma procura rebuscada em gabinete fechado, será antes fruto espontâneo das nossas vivências e da nossa experiência. Transmitiremos, sem nada evitar ou esconder tudo o que vivemos e sentimos, trazendo ao conhecimento de todos o que tão escondido andava. Para além da necessidade, força-nos também o dever de transmitir e denunciar, quando for o caso, tudo o que diz respeito às mazelas da guerra e à sua cura.

Este será o nosso simples contributo para a reconstrução do Portugal novo e justo que o verdadeiro Povo Português deseja.

# A Q U I



Palácio da Independência

Aqui se ministrou à Juventude Portuguesa o vírus do Fascismo que havia de manter todo um Povo no mais refinado obscurantismo.

Aqui se forjaram os «SS» que nos amordaçaram o corpo e nos marcaram a alma.

Aqui se instalou a maternidade onde seriam paridos Fascizantes e fascizados.

Aqui se fez Caetano El-Rei Tirano.

Aqui se transformaram crianças em monstros que seriam a coluna vertebral da continuidade dum regime de ódio.

Aqui se construíram os heróis da opressão colonial.

Aqui se cometeram os crimes de alienação de gerações sucessivas.

Aqui estamos nós, Deficientes das Forças Armadas, sentindo na alma e no corpo as vergastadas dos Carrascos de 48 anos.

Aqui estamos nós empenhados em destruir todo o mobiliário de ódio que ornamenta estas paredes, testemunhas impassíveis de crimes que clamam por julgamento.

Aqui queremos trabalhar na reconstrução dum Portugal livre e Democrático — Só assim haverá uma perfeita política de Reintegração dos marginalizados.

## A ADFA ACUSA

### Os grandes culpados

Lutamos por um lugar digno numa Sociedade Justa com Direitos e sem esmolas.

A nossa forma de luta é a mesma de todas as frentes progressistas: Morte ao fascismo — viva a liberdade.

Hoje seremos livres, contudo sentimos as nossas palavras ainda amordaçadas por essa sombra pesada que nos segue, qual abutre ameaçado de morte por lhe escurearem as indefesas

Continua na pág. 6